# TITÃS DA NACIONALIDADE

*Prof. João Chrysóstomo de Oliveira*
Membro da Academia Amazonense de Letras.

SEC-39592
-1524-

# Preâmbulo

PROBLEMAS BRASILEIROS, ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DO BRASIL, EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA, são títulos que traduzem a grande preocupação da cúpula educacional do Brasil pela formação moral e cívica da juventude brasileira.

E esta preocupação justa deve ser compartilhado por todos quantos têm a honrosa delegação de dialogar com essa juventude, pedaço do nosso ser e parcela preciosa de nossa Pátria, em sala de aula como professores e educadores.

Compartilhando de tão nobre ânseio, lançamos "TITÃS DA NACIONALIDADE" com a convicção de que se serve melhor o Brasil Grande, seguindo as pegadas e os exemplos dos seus grandes filhos.

Estes TITÃS são modelos

Estes modelos são inspiradores de rumos para uma Pátria engrandecida pelo valor moral dos seus filhos.

Como humilde pedrinha desse suntuoso edifício dos nossos elevados padrões, entregamos "TITÃS DA NACIONALIDADE" nas mãos dos compatrícios empenhados na construção do BRASIL GRANDE, como estímulo e incentivo para a conquista desta aspirada e merecida grandeza.

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

Aum 1209

# HOMENAGENS

Ao Senador Jarbas Gonçalves Passarinho
DD. Ministro da Educação e Cultura

Ao Coronel João Walter de Andrade
*DD. Governador do Estado do Amazonas*

Ao General Argus Lima
DD. Comandante do C. M. A.

Ao Coronel Heitor Mena Barreto
*DD. Comandante da 29ª C.S.M.*

Ao Dr. Áderson Pereira Dutra
*Magnifico Reitor da Universidade do Amazonas.*

Ao Dr. Frank Abrahim Lima
DD. Prefeito Municipal de Manaus

Ao Ten.-Cel.—Jorge de Oliveira Teixeira
DD. Comdt. do Colégio Militar de Manaus

Ao Deputado João Bôsco Ramos de Lima
DD. Presidente da Assembléia Legislativa do Estado

Ao Desdor. Carlos Alberto de Aguiar Corrêa
DD. Presidente do Tribunal de Justiça

Ao Industrial Elias Jacob Benzecry
*DD. Presidente do Conselho de Representantes da E.T.F.A.*

Ao Prof. João de Pinho Pessôa Neto
*DD. Diretor da Escola Técnica Federal do Amazonas*

# Dedicatória

JACOBEDE, minha querida esposa

JOEDE

JOEDISA e ANTÔNIO

JOÃO CHRYSÓSTOMO JÚNIOR

CARLOTA

MARCUS VINICIUS

INA HERCÍLIA — meus filhos e genro

JOÊNIO — meu querido neto,

HERCÍLIA minha querida irmã,

recebam mais esta pequena obra que eu devolvo a voces com o reflexo da inspiração, do calor afetivo que voces souberam cultivar no convívio do nosso lar. Repartam este pão com outros lares.

**caxias**

o

cidadão

## O MILITAR E O CIDADÃO

O verdadeiro militar é aquele que antes de tudo, sabe ser cidadão, isento da vertigem da força, e serenamento libertado do direito do abuso do poder.

É aquele que sendo o detentor da força, jamais a emprega para mostrar que a possui, porém somente a usa para provar que ela só tem razão de ser na defesa dos direitos sagrados da pátria e na proteção intransigente da ordem, da justiça e da tranqüilidade dos compatrícios.

Militar, atualmente, afastou-se do seu sentido restrito e primitivo de "miles" (soldado, combate) para ampliar-se até à significação de "civis" (cidadão, companheiro homem bom e capaz).

O bom militar, portanto, sabe combater com a espada contra o mal e sabe batalhar sem a espada em prol do bem.

Caxias soube encarnar magistralmente estas qualidades admiráveis em sua inconfundível personalidade: a do militar e a do cidadão.

Feliz, portanto, foi o idealizador do tema que vamos tentar desenvolver com a pobreza dos nossos recursos intelectuais: Caxias — o cidadão.

## II

## *O CIDADÃO INTERIORANO*

Nasceu Luís Alves de Lima e Silva, o conhecido Duque de CAXIAS, ou simplesmente Caxias, na placidez rural da fazenda "São Paulo", no interior do Estado do Rio, a 25 de agôsto de 1803.

Sentiu como todos os interioranos a melancolia e a doçura da paisagem campestre e também a dureza da vida rústica do mato a primeira escola das suas grandes campanhas de cabo de guerra através de florestas, águas e pantanais.

Caxias foi um interiorano que forjou a sua alma com um misto de melancolia e decisão agressiva nas horas pinaculares das grandes batalhas.

Sentindo a beleza dos ambientes rurais,, aprendeu também a estudar a simplicidade, a nobreza, o valor da alma cabocla, da alma do interiorano tão desapaixonada, tão presa ao meio, tão contemplativa.

Experimentando também a rudeza agressiva do meio rural, compreendeu a fibra, a resistência, a combatividade, a agressividade dessa alma acicatada pelo inimigo, pela investida do adversário.

Na passagem da ponte de Itororó, alvejada pelos projéteis inimigos, ele soube explorar esta faceta reacionária dos seus comandados, ele soube sentir que aquelas almas titubeantes seriam capazes do heroísmo até suicida sob o comando de um chefe exemplar na intrepidez e na bravura. E ante a indecisão, lançou o grande estopim: "SIGA-ME QUEM FÔR BRASILEIRO".

E a vitória, antes remota e difícil, lhe sorriu com aquela arrancada, para a glória do seu nome e dos seus comandados.

## III

## *O CIDADÃO DE SEMPRE EM TODAS AS ATIVIDADES*

Caxias, como cidadão, despido do seu marcialismo, afastado dos seus planos estratégicos, distanciados do troar dos canhões, das renhidas batalhas que o cobriram de glórias — em Estabelecimento, Itororó, Avaí, Lomas Valentinas, Angustura e Assunção — Caxias como cidadão desligado de sua admirável obra de pacificador; Caxias enfim como cidadão divorciado dos seus nobres feitos de político — é ainda uma figura que os biógrafos não consideram com merecido carinho, com a mais cuidadosa apreciação, em decorrência naturalmente de ser impossível separar do militar, do guerreiro, do estadista, do político, o grande cidadão que foi CAXIAS.

O cidadão que fazia do lar um santuário, onde a esposa era o centro de gravitação de todo o seu ideal, o cidadão que via nos rebeldes vencidos irmãos que mereciam tratamento fraternal, o cidadão calmo e sensato que respondia aos ataques dos adversários políticos com palavras calmas e temperadas de ironia, enfim o cidadão que prestava obediência ao imperador, mas que sabia resistir-lhe respeitosa e altivmente no momento em que via a felicidade da pátria acima de tudo, reponta altaneiro e grandiloqüente em toda a vida de Caxias: em Caxias, o militar, em Caxias, o estadista, em Caxias, o pacificador, em Caxias, o político, enfim em Caxias, o lídimo Caxias, o lídimo cidadão.

## IV

### *O CIDADÃO QUASE EGRESSO DA FARDA*

LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA, o patrono do nosso glorioso exército, o vencedor nunca vencido, que tem o privilégio de contar entre parentes próximos onze generais, foi militar por excelência, o soldado integérrimo e integrado em sua honrosa função com máximo zelo.

Foi o militar cem por cento, o militar quintessencialmente militar.

É no entanto nesta super-excelencia militarista em que avulta e cresce admiravelmente o grande cidadão livre da obsessão da sua carreira, do daltonismo quase alucinante da farda, do fanatismo da caserna que caracteriza muitos militares, o cidadão que é bem desconhecido, quando no inicio brilhante de sua carreira, já no posto de major cheio de insígnias e glórias é instado por sua esposa adorada, D. Ana Luiza Carneiro Viana de Lima, sua idolatrada Anica nos seguintes termos, segundo o Monsenhor Pinto de Campos, repetido por Afonso de Carvalho:

"Luiz, está nas mãos do mundo proporcionar-nos mais venturas. Temos quanto basta para a existência, e a sociedade nos respeita. Que mais querer? Não seria melhor depores a tua espada e concentrar-nos nos inefáveis gozos da vida particular?"

Acompanhemos Afonso de Carvalho, neste passo culminante da vida de Caxias como um insigne cidadão que idolatra a esposa e mostra a grandeza d'alma sobrepondo-se a qualquer obsessão egoísta:

"O esposo beija a mão da esposa. Há neste silêncio toda a grandeza do sacrifício de uma carreira pela tranqüilidade de um coração.

Caxias escreve o seu requerimento pedindo demissão do Exército para levá-lo pessoalmente ao Ministro da Guerra, quando a esposa — e agora, a brasileira — intervém:

— Errei, meu amigo, perdoa. Ao egoismo do meu afeto sacrificava-te. Não: Nunca me ouvirás desviar-te da honrosa estrada que trilhas. Continuem a encher-te o coração o dever, a pátria, a glória. Como tais imagens ufana-se a minha alma de associar-se.

E a petição foi rasgada. O Brasil naquele momento esteve todo ele nas mãos de uma esposa apaixonada".

Não fora Caxias o cidadão insígne que fez do lar verdadeiro império da grandeza de suas invejáveis faculdades, onde sua esposa era

verdadeiramente rainha a conduzir seu destino; não fora Caxias o cidadão ínclito que tinha a consciência perfeita do seu valor para ser útil à pátria tanto com a farda como com os trajes civis; não fora Caxias o cidadão nobre que nunca viu a farda como um manto acobertador de complexos de grandeza e de inferioridade ou escudo encobridor de mediocridade, teria a seguinte resposta clássica e violenta para a sua esposa que seria preliminarmente considerada maluca:

— Eh! mulher, cuide de sua casa e de sua cozinha e me deixe com a minha vida de militar que eu tanto amo e que me deu tantas glórias! Abandonar o meu posto de major?... Você não vê que é uma loucura? Não pensou que eu sem esta farda não sou nada? Não me fale mais em semelhante absurdo!".

Muitos militares deveriam meditar profundamente sôbre esta passagem da vida de Caxias para compreender que a farda não pode suprir nenhuma falha na personalidade do indivíduo que tem obsessão de mandonismo, de império marcial para acobertar suas deficiências e fraquezas morais, para compreender que o homem, antes de ser militar deve saber ser cidadão completo e eficiente, que deixando esta farda deixa um traço vivo da imagem da Pátria, mas não deixa nada de sua personalidade que é sempre íntegral para trabalhar pela nação em qualquer circunstância; para compreender que o gesto do cidadão Caxias atendendo à sua esposa não foi nenhuma pusilanimidade, mas antes o gesto de um homem másculo, que tinha a consciência de ser um cidadão vitorioso com a farda ou sem ela.

## V

### *O CIDADÃO RESPEITADOR DO LAR E DA ESPOSA*

Um belíssimo e marcante traço da personalidade adamantina de Caxias é o de ter sido um esposo perfeito.

Quase todo o militar sente-se orgulhoso de suas aventuras amorosas, ufana-se de ser considerado "pirata", mesmo depois dos laços matrimoniais. O grande Washington conta Mme. Faifaz em suas aventuras amorosas. Bolívar era o perigoso "D. Juan" que incendiava o coração das mulheres. Napoleão foi audacioso conquistador do sexo fraco em sua corte, em suas campanhas militares e até em Santa Helena. Nelson ostenta com orgulho a sua favorita Lady Hamilton

Quase todo cabo de guerra, como todo homem fraco, sente-se gloriado com a gloríola negra de ter uma mulher clandestina em sua vida. Caxias, no entanto, foi uma gloriosa exceção que deve servir de espelho para muitos dos nossos militares.

"Ninguém o excede — diz Afonso de Carvalho — no respeito, no amor à vida conjugal. Depois de casado, a História por mais que

viva ciscalhando as crônicas da época nada encontra que pelo menos nos faça suspeitar qualquer desvio de sua atenção amorosa, qualquer indício de aventura ou outra distração".

É portanto a própria voz da História que imparcialmente se ergue para apontar o ínclito cidadão Caxias, como o impoluto chefe de um lar cercado pela auréola do respeito, da elevação moral e da retidão de atitude de um esposo que põe sua consorte a salvo do ludíbrio e da falsidade conjugal. Os biógrafos nêste traço luminoso do cidadão fluminense, não tiveram preocupação hipócrita de improvisar manual de castidade e pureza em torno de sua vida.

## VI

## *O CIDADÃO SENTIMENTAL*

CAXIAS o vencedor de todas as batalhas, o cavaleiro destemido e ousado que fez face aos maiores perigos, o fulminante estrategista de arremetidas inexcedíveis, o audaz comandante que se expunha pessoalmente a perigosas investidas do inimigo — chegou um dia ao extremo de confessar-se um covarde para cumprir uma das últimas vontades de sua adorada esposa "a sua querida ANICA, a companheira inesquecível de quarenta e um anos de vida conjugal, imensamente feliz", cujo passamento o encheu de abatimento moral tão profundo, de um sentimento de mágua tão doloroso, que ele chegou a fazer essa confissão de COVARDIA, dizendo também com o mais sincero dos sentimentos:

*"Perdi o maior bem que neste mundo gozava".*

Eis a carta em que o grande cabo de guerra, extravasava o seu grande sentimento de saudade imorredoura e faz a sua solene confissão:

Minha estimável comadre e senhora.

Entre os papéis de minha adorada Anica, encontrei uma nota em que ela tinha escrito, por sua letra, que pretendia deixar, como sinal de lembrança à sua prima e comadre Maria José, os seus brincos de esmeralda e brilhante.

Minha comadre sabe que a vontade desse Anjo de bondade tem a força de Decreto para mim, que tanto a amava, e por isso aí vão os brincos e lhe peço que os aceite como presente de sua íntima amiga, que Deus levou para o céu, deixando-me só neste mundo para chorá-la.

Não os vou entregar pessoalmente como devia, porque SOU UM COVARDE e não tenho ânimo para isso.

Seu compadre que muito a estima.

Duque de Caxias"

## VII

## *O CIDADÃO MAGNÂNIMO*

"Quase se poderia dizer, senhores, que o Barão de Caxias ignorava o uso da faca para eliminar os rebeldes...

"Ninguém tocou com um dedo naquela gente e o velho Matroá chegou a morrer tranquilamente em S. Luiz, um mês após sua apresentação".

Estas são as expressões imparciais e serenas de Silvio Romero **focalizando a magnanimidade de Caxias em sua grande obra de dominador** da terrivel BALAIADA NO MARANHÃO.

Eis um outro valioso testemunho que bem consolida a nossa assertiva de que Caxias sôbre ser um grande guerreiro, foi acima de tudo um cidadão magnânimo. É o testemunho de Carneiro Leão:

Era enérgico e bravo mas era bom e misericordioso. Basta um episódio para provar a nobreza de seus sentimentos. Foi em Parangos. Após a sangrenta batalha, procura-o o vigário e convida-o a asistir o "te Deum" em homenagem à vitória. Caxias responde. — Reverendo, precedeu êsse triunfo derramamento de sangue brasileiro. Não conto como troféus desgraças de cidadãos meus. Guerreiro dissidente, mas sinto as suas desditas e choro pelas vítimas como um pai por seus filhos. Vá e em lugar de "te Deum", celebre missa de defuntos, que eu com meu estado maior e a tropa que em sua igreja couber **iremos ouvi-la, por almas dos nossos irmãos iludidos que pereceram** no combate".

Bastam êstes dois episódios marcantes, atestados insofismáveis da grande bondade do cidadão Caxias, porque em tôda a sua vida foram suas atitudes pautadas por essas belas caracteristicas de nobreza.

## VIII

## O CIDADÃO QUE SOUBE ESCOLHER O MAIOR CIDADÃO DO BRASIL

Um dos maiores serviços que Duque de Caxias prestou a nossa **Pátria foi escolher e oferecer à nação o nosso maior cidadão que a** história aponta no cenário das relações internacionais: — o Barão do Rio Branco, o maior diplomata que o *BRASIL* já possuiu.

Poucos sabem que foi Caxias quem nomeou Rio Branco, Cônsul mesmo contra a vontade do Imperador. Ouçamos Afonso de Carvalho em biografia de Rio Branco:

"O Imperador está longe. A Princesa Isabel não deixa de manter em relação ao candidato as mesmas restrições do imperador.

O interesse que Caxias, Presidente do Conselho revela pela solução do caso é maior que a intolerância da Regente — e afinal Juca Paranhos é nomeado consul em Liverpool".

Fica neste ato provada a inegável capacidade de Caxias de escolher os incontestáveis valores entre os seus concidadãos. O grande Barão do Rio Branco, ínclito vencedor de grandes batalhas diplomáticas, foi um dos maiores presentes que Caxias fez à nossa Pátria enfrentando as oposições que se faziam ao boêmio do tempo de estudante Juca Paranhos.

## IX

### *O CIDADÃO ADMIRADO*

Aí se encontram alguns ligeiros traços da exuberante existência de Caxias em que se destaca o cidadão que merece toda a nossa admiração, todas as nossas honras, todas as nossas glorificações cívicas. Nas batalhas, foi sempre um bravo e, nas tréguas, foi um magnânimo que via sempre no vencido um irmão e por isto teve muita razão em escrever a sua esposa:

"Eu tenho um coração maior que o mundo". Só um cidadão bom é que podia fazer esta afirmativa que nunca partiriá de um guerreiro por índole.

Tenhamos também, nobres compatriotas, um coração bem grande para exaltar o vulto do cidadão CAXIAS que fez um BRASIL grande pela grandeza de sua bravura, pela grandeza do seu coração, pela grandeza do seu caráter e de sua nobreza.

**santos dumont**

o pai da Aviação

## O HOMEM VOA

Na doce despreocupação da quadra infantil, na alacridade expansiva do viver de infância, na contínua festividade sempre acompanhada dos impetos espontâneos e sinceros que produzem o encantador bulício dos verdes anos da vida, um grupo de crianças se divertia em brincadeiras próprias da idade em uma noite sertaneja do interior de S. Paulo. De que brincavam as crianças? Brincavam de um jogo de prendas, chamado *"pombo voa!"* O chefe do jogo gritava: — Pombo voa! e todos levantavam o dedo para o ar em sinal afirmativo. Continuaram os brados:

— Bentevi voa! Urubu voa! Borboleta voa! Logo que dava o dirigente estes brados, a meninada levantava o dedo concordando com a afirmativa.

Surge um brado disparatado: — Cachorro voa!

Só um levantou o dedo; chamava-se Pedro que distraidamente confirmou o disparate, provocando gargalhada geral e teve de pagar a prenda, depois de uma grande vaia.

Continuou o jogo:— Abelha voa! Perdiz voa! Bezouro voa!

Sempre todos os dedos se levantam. De súbito bradam:

— Homem voa!

Um garoto franzino e vivaz levantou sozinho o dedo, consciente, corajosa e altivamente. Chamava-se ALBERTO, irmão de Pedro.

— Homem não voa, Alberto! pague logo a prenda — gritaram-lhe.

— Homem voa, sim!

— Não voa.

— Voa! Não pago!

Uma vaia geral ecoa entre a garotada, num grande vozerio e Alberto, sempre de dedo erguido, levanta-se altivo e superior, indiferente aos brados de apupos de seus colegas, ergue o dedo ainda mais alto e grita renitente:

— Homem voa! Homem voa! Homem voa!

E não se sujeitou a pagar a prenda.

## II

## QUEM ERA O GAROTO

Quem era essa criança que tinha a coragem de fazer tão audaciosa afirmativa naquele tempo em que a navegação aérea era um sonho que a ciência considerava humanamente irrealizável e em que Bartolomeu de Gusmão era um fantasma do passado completamente olvidado?

Era um garoto franzino que passava horas a fio apreciando os movimentos das máquinas das usinas de café e contemplava com verdadeira fascinação o firmamento, como se estivesse fitando um imenso mar navegado por grandes embarcações feitas... de nuvens ...sonhando emocionado os sonhos do *"feiticeiro da ciência"* — Júlio Verne, seu autor predileto.

Era ALBERTO SANTOS DUMONT, que mais tarde seria o grande homem da humanidade, cognominado o "Pai da Aviação" orgulho e glória do BRASIL".

Nascido em Minas Gerais, no antigo Munícipio de PALMIRA, a 20 de julho de 1.873, teve como ambiente de sua vivaz infância o sertão de Ribeirão Preto em São Paulo numa grande fazenda.

## III

## SONHOS CONCRETIZADOS

Homem voa! bradou ele naquela noite de folguedo do fim do seculo XIX, em pleno sertao brasileiro, assombrando um grupo de crianças, recebendo vaias inocentes!

— Homem voa! confirmaria audaciosamente a 13 de julho de de 1.901 em plena civilizada Paris, assombrando uma multidão, assombrando o mundo inteiro com a dirigibilidade do balão, recebendo palmas, ovações e prêmios!

— Homem voa! reconfirmaria ele aos olhos abismados e extasiados do universo, a 23 de outubro de 1 906, voando com o mais pesado que o ar.

## IV

## OBRA IMORTAL

Estamos comemorando com a semana da ASA em todo o Brasil o aniversário do significativo acontecimento do primeiro voo de Santos Dumont, com o mais pesador que o ar, seu elegante aparelho denominado *"Demoiselle"*.

Ao comemorarmos este evento que nos deve ser de entusiasmo e ufania por termos um patrício do glorioso porte de Santos Dumont, compreendamos o nosso imperioso dever de exaltarmos a memoria do inolvidável Brasileiro que dominou o espaço com grande gênio inventivo, que, parece tão distanciado dos nossos corações, tão distanciado das nossas homenagens, tão empalhidecido no cenário de nossa nacionalidade.

Santos Dumont ainda continua a ser entre nós, um vulto, do qual nós, ainda não nos aproximamos fraternal e patrioticamente para admirá-lo e estudá-lo com o devido carinho, com a devida consagração que os grandes benfeitores da humanidade tem merecido de suas Pátrias. Recebendo as palmas do triunfo em solo estrangeiro, ficamos a olhá-lo desconfiados, como se ele fosse também estrangeiro. Duas obras apenas se conhecem sôbre a sua vida, quando milhares de obras e consagrações já se fizeram em homenagem a aéronautas que apenas acompanharam os estudos afanosos e seguiram o roteiro glorioso de Santos Dumont, como pioneiro da dirigibilidade do balão e pioneiro do vôo do mais pesado que o ar.

## V

## FALSA VERSÃO

Lembro-me bem da versão que corria em meu tempo de infância no interior do Amazonas: Santos Dumont foi um grande inventor Brasileiro que, não encontrando apoio em seus País para os seus empreendimentos, vendeu seu invento para o estrangeiro. Com mágua ouvia esta versão mentirosa que infelizmente ainda é corrente na classe inculta.

Se todas as glorias de Santos Dumont se prendem à França é porque lá estava o "Ninho da Aeronáutica" campo propício à realização do seu sonho, sinceramente externado em seu brado de criança:

— Homem voa!

## VI

## PATRIOTISMO DE DUMONT

O seu amor e o seu pensamento estavam sempre voltados para sua terra! Haja vista o seu primeiro balão, ao qual deu o nome de BRASIL e, em cujo retrato escreveu a seguinte legenda "que é um breve poema de amor" uma lição de civismo: —

"O meu primeiro balão,
o mais lindo,
o menor
o único que teve um nome
— *"BRASIL"*.

"Sim ele sonhava elevar o Brasil à altura de ser visto à mesma hora pelo mundo inteiro!" disse muito bem uma sua biógrafa.

## VII

## PIONEIRISMO USURPADO

No entanto, Santos Dumont teve a sua glória sem o halo perenal da glorificação de todos os brasileiros, tem a sua coroa de louro a pique de ser retalhada pelos usurpadores das legítimas celebridades alheias, que no estrangeiro vivem a apontar os seus compatrícios como pioneiros da aviação, os quais, não deixando de ter os seus méritos jamais poderão eclipsar a luz meridiana e refulgente dos merecimentos inconfundíveis de Santos Dumont, como o primeiro homem que voou com os seus próprios recursos, com o mais pesado que o ar, eloquentemente evidenciado no grande monumento de ÍCARO, levantado em Saint Cloud, Paris, em homenagem ao ilustre Brasileiro tendo os seguintes dizeres:

*"ESTE MONUMENTO FOI ELEVADO PARA COMEMORAR AS EXPERIENCIAS DE SANTOS DUMONT, PIONEIRO DA LOCOMOÇÃO AÉREA"*.

Eis ainda o que proclamou um jornal parisiense da época sobre o nosso patrício:

"O aeronauta brasileiro é da raça dos que mostram caminho aos outros".

E contra esta glória incontestável, evidente, ofuscante, e inocultável tudo conspira — até o nosso próprio indiferentismo, até o nosso próprio descaso, até o nosso próprio silêncio desinteressado, ante os argumentos até de brasileiros que defendem os direitos dos irmãos WRIGHT.

## VIII

## DEFESA DO PIONEIRISMO

O Dr. Edgard de Cerqueira Falcão, em sua brilhante obra "O PIONEIRISMO DOS BRASILEIROS NA CONQUISTA DO AR" apresenta um valioso capítulo de defesa do pioneirismo de Santos Dumont, capítulo que convém transcrever em parte:

"O MISTÉRIO DOS VOOS DOS WRIGHT — Tanto que se tornaram senhores dos segredos do vôo em aéroplanos motorizados, fecharam-se em copas os irmãos Wright, ocultando os pontos básicos de suas conquistas aéreas. Até a realização do primeiro vôo de Santos Dumont, em 1906, não havia feito nenhuma demonstração pública nem mesmo em sua pátria (U. S. A.), acerca de sua maneira de voar. Entretanto, tratavam de obter grandes proventos de suas descobertas. Assim é que no ano de 1905, entraram em confabulações sigilosas com o capitão FERBER, a fim de venderem a França o segredo de suas invenções para aplicação como arma de guerra. Na Histoire de l'Aéronautique, de C. Dollfus e H. Bouché, à pág. 176, vem reproduzida em facsmile essa correspondencia (une lettre d'affaires, como classificaram os autores da obra). Nenhuma contribuição apresentaram de público para o progresso da arte de voar. Somente em 1908, um deles (Wilbur) se transportou até a França para mostrar o seu engenho. Nessa altura, estimulados por Santos Dumont, muitos franceses (Blériot, Voisin, Farman, Delagrange), já eram peritos em levantar voos de aeroplanos com os seus própros meios, o que os Wright não faziam então. Um documento insuspeitíssimo prova que eles só se erguiam do solo às custas de uma catapulta. Ninguem, na França, naquele ano viu o avião de Wilbur Wright subir do chão. À pág. 108 do nº 3416, de 15 de agosto de 1908, de L'Illustration, de Paris, está isso documentado fotograficamente. Vê-se no alto dessa página o avião Wright, pronto para voar, trazendo por baixo estes dizeres:

LA PRÉPARATION DU LANCEMENT — L' aéroplane étant posé sur l'extremité d'un rail de bois, on hisse en haut d'un pylone placé en arrière un poids de 700 kilos lequel, en retombant, par le moyen d'un retour de poulie, tire violemment en avant l'aéroplane qui, projété, à l'autre bout du rail, s'envole".

Essa, pois, foi a demonstração pública, feita pela primeira vez na Europa. Na América do Norte, era dessa forma que levantava vôo, ainda em 1909, conforme se vê à pág. 742 da revista The National Geographic Magazine, Vol. CIV, nº 6, Dezembro de 1953. Alegava os Wright que entraram a usar o impulso inicial por meio de catapulta, a partir de 1905, em Simms Station, em Dayton (U.S.A.). E

na Histoire de l'Aéronautique, de Dollfus e Bouché, à pág. 174, procurava-se justificar esse proceder, como um acto apenas praticado em determinadas condições, a saber:

"Au cours des essais de 1905, les frères Wright établirent un pulône-catapulte uniquement pourfaciliter l' envol par temps calme en raison du peu de longueur du rail".

Isso significa que sem vento o aeroplano Wright, não levanta voo com os próprios meios.

Antes do mês de setembro de 1908, na América do Norte nenhum documento merecedor de fé com relação ao voos de Wright, fora estampado. Somente nessa data (Setembro de 1908) é que o Century Ilustrated Monthly Magazine divulgou os primeiros dados fornecidos pelos dois inventores norte-armericanos, relatando seus empreendimentos em 1903 a 1905, com fotografias de diversas evoluções nos ares (vide L'Illustration, nº 3419, pág. 168, de 5 de setembro de 1908).

Ao contrário de Santos Dumont, que trabalhava por idealismo não pedindo nada para si dos seus inventos, demonstraram os Wrigth incrivel avidez por compensações materiais. Registraram as patentes de seus ailerons em 1906 na América do Norte, e, graças a isso, exigiram e obtiveram de todos os fabricantes de aviões no mundo, até o ano de 1917, o pagamento de uma taxa por aparelho fabricado. Somente a necessidade bélica dos Estados Unidos, no ano em que entraram na 1ª Grande Guerra (1917), fez revogar esse direito dos Wright. Um já havia falecido (Wilbur), mas o outro (Orville), ficara com os bolsos cheios de dinheiro.

Se os Wright voaram de início com os próprios meios, conforme apregoavam na carta a l'Aérophile, de janeiro de 1904, confirmando os termos da missiva que endereçou Orville ao capitão Ferber onze dias depois da façanha, isto é, datada de Dayton, em 28 de dezembro de 1903 (C. Dollfus e H. Bouchet, op. cit., pág. 175), porque deixaram de fazê-lo a partir de 1905? Porque só eram capazes, desde essa última data, de erguer-se do solo com auxílio de catapulta, aparelho incômodo que tinha de ser transportado com os maiores sacrifícios (só o contra-peso ia a 700 quilos) para qualquer ponto onde pretendiam alçar vôo? Não é absurdo entender-se êsse retrocesso senão como demonstração da incapacidade do aéroplano Wright, provido de motor de 16 cavalos apenas, de levantar-se do chão com as suas próprias forças, em qualquer circunstâncias".

Nesta brilhante defesa, encontramos argumentos meridianos, em prol da precedência incontestável de Dumont, sobre os irmãos Wright, que a história não quer reconhecer, dando a prioridade aos dois americanos com registro de patente e benefício financeiro de direito de inventor até 1917, pagamento que os fez milionários, enquanto Santos Dumont, morreu pobre e sem a merecida glorificação do universo.

## IX

## EXALTEMOS O FEITO DE DUMONT

Nesta hora em que comemoramos a primeira ascenção de Santos Dumont, com a máquina, no espaço, e no ano do seu centenário, precisamos inaugurar a ascensão progressiva e constante de Santos Dumont, no nosso coração, no nosso devotamento, na nossa consagração.

Santos Dumont sonhou navegar o espaço com um dirigível: navegou!

Sonhou dominar o espaço com a máquina: dominou!

Sonhou glorificar o Brasil com a realização dos seus sonhos: glorificou!

## X

## OBRA DE GÊNIO

Esta obra de gênio e de Santo, esta emprêsa de gigante, visionário, este feito de criador do impossível no âmbito acanhado de humanas possibilidades, formam uma escaleira de glória tão elevada, tão montanhosa e pinacular que não poderíamos apreciá-la dos planos inferiores da análise e da critica de pigmeus: devemos galgar os infinitos degraus de nossa alma brasileira extasiada para conseguirmos admirar a sua transcendental realização forjada nas lucubrações e no santo desinteresse dé homem gênio, homem santo, homem bom, que, um dia magoado com o desvirtuamento dos destinos de sua "criatura" que espalhou a morte na guerra de 14, quando ele a queria para espalhar vida e benefício, confessou sincera e veementemente:

"— o castigo mais terrível que Deus poderia inflingir-me seria o de não mais amar os meus semelhantes".

## XI

## O GÊNIO DOMINADOR

Este gênio e este santo que dominou a atmosfera de todo o mundo, deve dominar totalmente a atmosfera de nossa nacionalidade, a atmosfera de nossos corações, a atmosfera de nossas almas para a sua maior glorificação na maior glorificação do BRASIL, de quem ele é filho amado.

Tudo pela glória e memória de Santos Dumont para eternal e crescente engrandecimento de nossa Pátria.

# bilac

o

poeta miliciano

## O SOLDADO E O POETA

A milícia é a corporação de fôrça a serviço da ordem e a poesia é a fôrça da estesia a serviço do encantamento.

A milícia reune os homens para aperfeiçomento da força e a poesia dispersa os homens para que, inspirados na solidão, aperfeçoem a força do pensamento.

Na milícia, existe um chefe que disciplina e ordena; na poesia, dispensa-se o chefe para dar-se vazão à inspiração ou se impõe autodisciplina em benefício da forma.

A milícia conjuga aparatos bélicos para eclosão da força em violencia e a poesia enfeixa flores, perfume e amor num lirismo dulcificante ou acende a fogueira das guerras nos estos ardorosos dos poemas épicos.

A milícia atemoriza pela força e a poesia encanta e convence pela blandícia das estrofes românticas.

A milícia marcha de arma na mão com grande expectativa de vitória e a poesia sacode o peito dos milicianos em canções de estrofes quentes e estimuladoras para a conquista dessa vitória almejada.

## II

## AS RAZÕES DO IDEAL

Eis o ponto de irmanação das armas com a poética.

Eis o milagre da união do soldado com a poesia, o milagre da conciliação do poeta com o militar.

Aí se justifica um soldado Danunzio-poeta. Aí se explica o poeta Miliciano, Bilac.

"A beleza da forma, cultivada na mocidade — lança definitivamente *POESIA* com vinte e três anos de idade em 1888 — foi por ele colocada, na maturidade, aos cinqüenta, a serviço dos valores do es-

pírito. A Poesia serviu de pedestal ao Civismo" — eis o bem acertado pensamento de MOACIR ARAÚJO LOPES, ilustre ex-Presidente da Comissão de Moral e Civismo.

As razões desta inclinação evangélica em jornada cívica foram duas figuras paradigmárias — a do seu velho Pai, Dr. BRAZ MARTINS DOS GUIMARÃES BILAC, que, como cirurgião da Polícia Militar, seguiu para o front da Guerra do Paraguai, cinco meses antes do nascimento de Bilac e posteriormente lhe instilou o amor ao dever militar e a da Marcante personalidade do então Capitão GREGÓRIO PORTO DA FONSÊCA, "um dos mais queridos amigos, um irmão bem amado, em cujo espírito e em cujo coração sempre encontrei, nos mais duros dias da minha vida, conselho, consôlo e repouso" — no dizer do poeta.

BILAC foi poeta por excelência e, como poeta cultuou a Pátria quintessencialmente e, como cultuador da pátria mesmo fora da caserna, amou o Exército entusiasticamente, liderando a LIGA DE DEFESA NACIONAL, com a qual fez a bendita cruzada em benefício do Serviço Militar, estimulando a juventude de seu tempo a enfileirar-se na grei dos reservistas adestrados.

## III

## O INÍCIO DA ARRANCADA

"Impressionado com a guerra, que alastrava, diz FERNANDO JORGE, Bilac experimentou receio pela sorte da pátria".

"Só havia um remédio capaz de despertar as energias adormecidas — O SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO".

A nove de outubro de 1 915 na Faculdade de Direito de São Paulo, Bilac inicia sua extraordinária campanha cívica através de uma das mais candentes e ardorosas conferências patrióticas:

> *"O QUE ME AMEDRONTA — DIZ BILAC, EM SUA CONFERÊNCIA AOS ESTUDANTES, CONFERÊNCIA QUE DEVERIA SER REPRODUZIDA AOS ESTABELECIMENTOS E AO POVO — É A MÍNGUA DE IDEAL QUE NOS ABATE. SEM IDEAL NÃO HÁ NOBREZA DE ALMA; SEM NOBREZA DE ALMA NAO HÁ DESINTERESSE; SEM DESINTERESSE NÃO HÁ COESÃO, NÃO HÁ PÁTRIA".*

Esclarecendo a sua posição na *Santa Cruzada* que encetará, declara com o coração nos lábios.

> *"NUNCA FUI, NÃO SOU NEM SEREI UM MILITARISTA E NÃO TENHO MEDO DE MILITARISMO POLÍTICO. O MELHOR MEIO DE COMBATER A POSSÍVEL SUPREMACIA*

*DA CASTA MILITAR É JUSTAMENTE A MILITARIZAÇÃO DE TODOS OS CIVIS; A ARISTOCRACIA É IMPOSSÍVEL QUANDO TODOS OS CIDADÃOS SÃO SOLDADOS".*

Desta grande arrancada, BILAC, já *célebre* na poesia e nas letras, projeta o seu nome como grande lider na renovação do civismo em nossa Pátria, assemelhando-se a um general que consagra o resto de sua vida e de suas energias à reconstrução moral é cívica de seu povo.

Tal foi sua projeção que no mês seguinte o Exército lhe oferece um banquete consagrador. Agradecendo a honrosa homenagem, o Príncipe dos poetas faz o seu "Confiteor" e sua conclamação de conversão cívica de retorno ao amor e ao culto à PÁTRIA. Dizendo que quase todos ridicularizam *a terra do berço*, "uns por maldade ou indiferença natural, outros por afetação ridícula ou tola jactância outras por imitação, faz sincera confissão":

*"EU MESMO, QUE VOS FALO — PORQUE É PRECISO QUE EU SEJA O PRIMEIRO A DIZER O "CONFITEOR' — TAMBÉM ME ENVERGONHO DA FRÍVOLA E IRÔNICA LITERATURA QUE DEIXEI PELOS JORNAIS, MUITAS VÊZES EIVADA DO FERMENTO ANÁRQUICO".*

## IV

## ORAÇÃO À BANDEIRA

No ardor da campanha, profere a 19 de novembro de 1 915, a sua imortal "Oração à Bandeira", perante os representantes da Marinha, verdadeiro hino de glorificação ao nosso auriverde pendão que se eternizará pelos séculos dos séculos que rolarem sobre o nosso querido Brasil, pendão *augusto* a que ele se dirige com estas palavras, com estas rajadas flamívomas de civismo:

*"BENDITA SEJAS E, PARA TODO O SEMPRE, EXPANDE-TE, DESFRALDA-TE, PALPITA E RESPLANDECE COMO UMA GRANDE ASA, SÔBRE A DEFINITIVA PÁTRIA, QUE QUEREMOS CRIAR FORTE E LIVRE; PACÍFICA, MAS ARMADA; MODESTA, MAS DIGNA; DADIVOSA PARA OS ESTRANHOS MAS, ANTES DE TUDO, MATERNAL PARA OS FILHOS; LIBERAL, MISERICORDIOSA, SUAVE, LÌRICA, MAS ESCUDADA DE ENERGIA E DE PRUDÊNCIA, DE INSTRUÇÃO E DE CIVISMO, DE DISCIPLINA E DE COESÃO DE EXÉRCITO DESTRO E DE MARINHA APARELHADA PARA ASSEGURAR E DEFENDER A NOSSA HONRA A NOSSA INTELIGÊNCIA, O NOSSO TRABALHO, A NOSSA JUSTIÇA E NOSSA PAZ".*

Nesta profissão de fé, vemos o milagre de transfiguração do boêmio BILAC num lídimo gigante de nossa reconstrução moral e cívica.

## V

## O PORQUÊ DA CAMPANHA

Conforme esclarecemos, de início, foi o bravo oficial do Exército GREGÓRIO PORTO DA FONSÊCA, militar apaixonado pelo prestígio de sua classe e também artista, ligado a Bilac não só pela "amizade muito afetiva, muito desinteressada e muito cheia de ternura", mas também pelas afinidades intelectuais do amor às letras clássicas da Grécia — que indicou o nome do grande *vate* do Exército para liderar a campanha do Serviço Militar, como civil de projeção.

> "ÊLE CONHECE — DIZ AFONSO DE CARVALHO — COMO NINGUÉM A CAPACIDADE CÍVICA DO SEU AMIGO, O SEU PRESTÍGIO EM TODOS OS MEIOS BRASILEIROS, A FAMA DO SEU VERSO, A ELOQUÊNCIA DE SUA PALAVRA O ENTUSIASMO DO SEU PATRIOTISMO".

Porque este cuidado do Exército em selecionar um homem de tão subido valor para tão intensa e importante campanha?

"A sociedade — esta é a verdade, diz Afonso de Carvalho — não queria intimidades com a caserna, apontada até então como um refúgio de pretos, vencidos da vida, *"colonia"* para regeneração de moços de má índole e de gente desabusada e de maus costumes".

Além do mais, ressoava negativamente a campanha civilista de Rui Barbosa, fazendo libelo contra a caserna.

Desta forma, a atmosfera entre civis e militares precisava ser desanuviada, pois "os graves problemas de defesa nacional, como o de nacionalização de núcleos estrangeiros, aparecem como de somenos importância".

Na qualidade de Ministro da Guerra, o MARECHAL HERMES assina a ambicionada lei do Serviço Militar, deixando-a, no entanto, como Presidente da República, sem aplicação, conforme testemunho de Afonso de Carvalho.

O Grande Barão do Rio Branco empresta o prestígio do seu nome aureolado à propaganda do *Serviço Militar*. Só faltava um homem dínamo, um homem de tradições culturais e cívicas dar a arrancada.

Este homem foi BILAC.

## VI

## PROSSEGUIMENTO E DURAÇÃO DA CAMPANHA

A campanha, encetada por Bilac a 9 de outubro de 1 915, teve a duração de três anos e abrangeu além do Distrito Federal, os Estados de S. Paulo, Minas, Paraná, Rio Grande do Sul, projetando-se até Lisboa.

Foi uma campanha gigante que repercutiu em todo País com a instalação da Liga de Defesa Nacional em tôdas as Unidades da Federação sob a inspiração do grande Poeta das Estrelas.

*"O MOMENTO NÃO QUER DISCURSO OCOS E RETUMBANTES — DIZ O GRANDE AEDO, NA ABERTURA DA CAMPANHA — SONORIDADE ENTONTECEDORAS, ROLANDO NA ESTERILIDADE DO VÁCUO. O QUE SE EXIGE AGORA É SIMPLICIDADE DE IDÉIAS FORTES EM PALAVRAS QUE, NA SUA DURA TRISTEZA, TENHAM COM REVOLTA, UM ESTÍMULO PARA A ESPERANÇA, PARA A CRENÇA, PARA O HEROÍSMO".*

*"NÃO PODEIS, TALVEZ, PERCEBER COM PERFEITA CONSCIÊNCIA A GRAVIDADE DE NOSSA SITUAÇÃO MORAL" — diz aos estudantes.*

*Apresenta à juventude e ao povo*

"O PROBLEMA TERRÍVEL" QUE "PERMANECE SEM SOLUÇÃO: UMA TERRA OPULENTA, EM QUE MUITA GENTE MORRE DE FOME, UM PAÍS SEM NACIONALIDADE, UMA PÁTRIA EM QUE SE NÃO CONHECE O PATRIOTISMO".

"OLAVO BILAC realiza, nessa campanha, estuante de brasilidade o melhor de sua magia poética. Não apenas cultuando a forma mas, sobretudo, a finalidade superior e nobre; atua como instrumento de um plano divino" — é a feliz assertiva de MOACIR ARAUJO LOPES.

## O QUE É O SERVIÇO MILITAR

## VII

Descrevendo o serviço militar, com o seu esto vibrante, pergunta e responde o vate:

*"QUE É O SERVIÇO MILITAR GENERALIZADO? É O TRIUNFO COMPLETO DA DEMOCRACIA: O NIVELAMENTO DAS CLASSES; A ESCOLA DA ORDEM, DA DISCIPLINA E*

*DA COESÃO; LABORATÓRIO DA DIGNIDADE PRÓPRIA E DO PATRIOTISMO. É A INSTRUÇÃO PRIMÁRIA OBRIGATÓRIA; É A EDUCAÇÃO CÍVICA OBRIGATÓRIA; É O ASSEIO OBRIGATÓRIO; A HIGIENE OBRIGATÓRIA, A REGENERAÇÃO MUSCULAR E PSÍQUICA OBRIGATÓRIA".*

## VIII

## O QUARTEL E A EDUCAÇÃO

Torna-se um partidário ardoroso, da rendenção do povo pela educação, redenção que jamais será alcançada "se não plantarmos em cada légua quadrada do território uma escola se não transformarmos cada escola em um viveiro de heróis". Ainda imbuido deste espírito de idealista da educação, êle declara, que:

*"NO QUARTEL, O OFICIAL DEVE SER COMO O PROFESSOR NA ESCOLA PRIMÁRIA: — UM SACERDOTE, UM DIRETOR DE INTELIGENCIA, E DE CARACTERES", pregação bem diferente da daquele oficial inferior que se dirigiu para os recrutas.*

— Quem tem letra boa de vocês?

— Eu — responde um, ufano e perfilado.

— Então pegue naquela vassoura e vá fazer uma escrita naquêle pátio, varrendo-o muito bem.

Esta mentalidade de humilhação que alguns militares ainda usam sob pretexto de enrijecer a fibra dos fracos, deve desaparecer da caserna, onde deve dominar o principio bilaqueano do respeito à personalidade e da valorização do caráter bem formado

## IX

## BILAC, O ILUMINADO

Olavo Bilac foi um civil verdadeiramente iluminado para enobrecer e interpretar o importante papel do Serviço Militar na formação da nacionalidade pelo bom reservista cheio de civismo e livre de subalternidade.

Sua cruzada bendita foi dominadora, está vitoriosa e o Exército, reconhecendo seu feito magnífico, consagrou seu augusto nome como o patrono dos reservistas.

## X

### *CONSAGRAÇÃO DO POETA*

Nesta homenagem ao grande bardo do "Caçador de Esmeraldas", tôdas as Fôrças Armadas e tôdas as Fôrças morais e sociais de nossa Pátria levantam, com justiça, calorosas *hosanas* ao poeta que foi o transfigurador da caserna desconceituada e refugada pelo meio civil na admirável forja do patriotismo e no ninho de homens redimidos para uma sociedade melhorada.

Tôdas as escolas, todos os quartéis, tôdas as academias, todos os núcleos de reservistas, tôdas as entidades culturais devem acender a *pira do altar da pátria* e erguer a sua voz de exaltação e homenagem ao Poeta, que foi único na história: egresso da medicina e da advocacia, segue a carreira das letras, predicando remédio para os nossos males sociais e advogando a causa dos desassistidos, realizando uma obra gigantesca no campo militar para a qual muitos famosos cabos de guerras acharam que só ele tinha capacidade. E esta capacidade, êle provou-a em sua bendita cruzada de 3 anos, bendita campanha que prolongou o civismo do nosso povo e que encurtou sua vida preciosa ceifada aos 53 anos, a 18 de dezembro de 1918.

## XI

### HONREMOS A MEMÓRIA DE BILAC

Ergamos nossas fracas vozes de honras à memória do vate de "Velhas Árvores" procurando repetir e cumprir a sua última exortação que ele fez ao Exército que o homenageava em banquete de gratidão pela sua cruzada.

PEÇO-VOS, SENHORES, QUE VOS LEVANTEIS, COM TODA ALMA COM TODA CRENÇA COM TODA A ESPERANÇA, SAUDEMOS O PASSADO GLORIOSO DO BRASIL, EM VOSSOS UNIFORMES; O PRESENTE SOFREDOR DO BRASIL, QUE VIVERÁ NO ORGULHO DOS NOSSOS DESCENDENTES — A GRANDE PÁTRIA, QUE SERÁ FORTE PARA SER BOA, ARMADA PARA SER JUSTA E RICA PARA SER GENEROSA".

Seguindo a cartilha de civismo de BILAC, o *BRASIL* há de dar passos gigantescos na conquista de sua redenção social e de seu progresso, alcançando honroso respeito no concerto das nações categorizadas.

Glória a Bilac, eternamente cantando o Brasil grandioso e eterno.

# o exército

e o

futuro da amazônia

## CAXIAS — UM EXEMPLO INSPIRADOR

Caxias — o patrono do Exército Brasileiro — é um exemplo inspirador do grande soldado civil e do grande cidadão soldado que após a refrega da batalha, após o entusiasmo da vitória, após a limpeza dos destroços, encetava a batalha mais intensa e prolongada: — a batalha da reconstruçao, a batalha da organização, a batalha da recuperação e progresso da região ocupada. Os marcos de sua capacidade administrativa estão nos locais, que foram teatro das batalhas do grande guerreiro e do grande pacificador, locais que falam até para o mundo inteiro como Assunção, capital do Paraguai, onde o valor do estadista administrador ficou patenteado pelos seus feitos de reconstrução e reorganização.

O Exército encontra em Caxias lições de grande colonizador e administrador.

## II

## AMAZÔNIA — UM CAMPO DE DESAFIO

Na Amazônia tudo é batalha.
Tudo é luta.
Tudo é combate.
Tudo é batalha porque a Amazônia é um deserto e exige do ser humano a grande batalha contra a solidão.

Tudo é luta porque a Amazonia é uma área quase virgem e selvagem, apenas arranhada pelos heróicos pioneiros e exige do seu ocupante a grande luta contra a agrestia e rusticidade do meio.

Tudo é combate porque a Amazônia é incontestavelmente um *el-dorado*, um tesouro em espaço despovoado e exige dos seus filhos e colaboradores o grande combate contra a cobiça e usurpação estrangeira.

Tudo que se realiza nesta vasta região tem que ser em termos de batalha.

O homem brasileiro ainda é impotente para dominar esta vasta região com medidas pacíficas e rotineiras. Ele é obrigado a contemplar a enorme área, a imensa região, cuja vastidão não pode conceber e depois planejar com seus fragmentários recursos semelhantes aos seixos de David com a sua funda ante o fabuloso Golias, planejar sim, uma batalha bem desigual com o objetivo de conquistar alguma vantagem e algum domínio.

## III

## A BATALHA DA BORRACHA

Uma destas batalhas que já se feriram na Amazônia teve o seu nome registrado nos anais da história regional, da história nacional e deve registrar-se também na história universal sob pena de esta ter de criar um novo capitulo — "a História da ingratidão contra a Amazonia".

A batalha recebeu o nome que lembra um grande holocausto de uma região e de um povo: A BATALHA DA BORRACHA.

Esta batalha foi uma epopéia escrita pelo caboclo e pelo nordestino com o financiamento da "Ruber Resérve Corporation" para salvar o mundo da prepotencia pangermânica enfrentada pelas nações aliadas, às quais se incorporou o nosso Brasil a 22.8.42.

A batalha da borracha desencadeada em plena selvá amazonica, na conquista no nervo da guerra — da preciosa "hevea brasiliensis" usurpada pelos ingleses que a transplantaram para Singapura e outras colônias, tomadas na época pela Alemanha — proporcionou a vitória aos aliados, ao mundo democrático, ao mundo liberto da barbárie.

A Amazônia, portanto, ofereceu a vitória ao mundo civilizado com a vitória da batalha da borracha.

## IV

## A AMAZÔNIA PEDE REFORÇOS

A Amazônia é um constante desafio à estratégia e à combatividade dos homens e especialmente das forças armadas, forças que já representaram importante papel no passado, representam no presente e hão de representar no futuro da Amazônia.

As Fortalezas de Santa Maria de Belém e da Capitânia de S. José do Rio Negro, o Forte Príncipe da Beira são longínquos marcos do passado a falarem com eloquência silênciosa de suas linhas da pujança titânica do soldado a serviço da civilização.

E o Exército Brasileiro, nesta hora decisiva, tem a alta missão de plantar novos marcos do progresso e da civilização preservando o nosso patrimônio econômico e social a ser consolidado como base da grande arrancada da integração de tão vasta área à comunidade nacional.

## V

## O EXÉRCITO NOS TERRITÓRIOS FEDERAIS

Os Territórios Federais criados na Amazônia vem representando sentinelas avançadas do Exército Nacional na grande batalha civilizadora , na grande batalha colonizadora na grande batalha integradora da Amazônia, Roraima, Rondônia, Amapá, tendo quase sempre como governantes dinâmicos e operosos oficiais do Exército são unidades em constante progresso, em ininterrupto dinamismo, em marcha sempre acelerada para criação de ambiente propício ao homem civilizado fazer vida com o desenvolvimento da terra. Tivemos a grande honra de participar desta batalha civilizadora ao lado dos então, capitão Ene Garcez dos Reis e Tenente Paulo Sóter da Silveira, hoje generais brilhantes, que ocuparam com dinâmismo e probidade os postos de Governador e Vice-Governador do Território do Rio Branco, hoje Roraima. Ao lado dessas figuras de proa do Exército Nacional, ocupamos o cargo de 1º diretor de Educação, do novel Território, na época, tendo a felicidade de instalar uma apreciável rêde escolar, montando uma escola de fronteira em Aparecida e outra nas proximidades, em Taiano, sendo esta última aparelhada com uma estação de rádio-fonia ligando a escola e a populaçao local com o palácio do Governo. Recordando as realizações do Governo Garcez-Sóter no Território de Roraima, podemos aquilatar o quanto este e os demais Territórios da Amazônia devem ao Exército Nacional pela capacidade de ação e realização dos seus timoneiros militares.

## VI

## A AMAZÔNIA E O C. M. A.

A Amazônia, em virtude de sua vasta extensão de fonteiras, tem sido patrioticamente assistido pelo C.M.A. — Comando Militar da Amazônia — o qual tem representado um forte baluarte de ocupação, colonizaçao, saneamento e civilização de todas as áreas de lindeiras com países convizinhos.

Jovens oficiais, cheios de idealismo, patentes militares de experiencia, praças que tem o coração na terra e no crescimento da Pátria vem formando nas lindes de nossa Amazônia uma comunidade de esperança e força realizadora. Quartéis, escolas, confortáveis habitações, hospitais, parques, vão sendo construido e semeados pelas fronteiras Amazônicas à semelhança de verdadeiros *oásis* de esperança e conforto para rarefeita populaçao civil que sempre sonhou com a fuga da solidão para cair desajustada no burburinho das metropoles dos Estados e agora se sente estimulada pela obra do C.M.A. a se radicarem a terra e ao ambiente rural, a que se habituaram.

Soberbamente chantados em pontos ainda esparsos da fronteira Amazônica, lá se evidênciam num fervilhar de atividades com escolas, construções de estradas, parques, praças, os valorosos pelotões

de Cucuí, Japurá, Ipiranga, Tabatinga. Além se projeta a 4ª Companhia do Rio Branco Acre. Ainda aquém, se levanta a benjamim das unidades, em Palmeiras dos Indios cobrindo em vigilância 1.450 Km de fronteiras. Em Rondônia, o Pelotão de Guajara-Mirim se posta em frente a unidades boliviana de Guayará-Mirim. Os grupos escolares "DUQUE DE CAXIAS" e "MARECHAL RONDON" projetados em nossa gestão como Secretário de Educação constituem soberbas sentinelas da educação a prometer um futuro ginásio que por sua vez há de demandar escolas profissionais e superiores.

Através do COMANDO MILITAR DA AMAZÔNIA, o nosso glorioso EXÉRCITO vai distribuindo pelotões aguerridos contra a insalubridade, contra a ignorância, contra o analfabetismo, contra a agrestia do meio e contra a cobiça estrangeira e vai tornando verdadeiramente brasileiras pela ocupação consciente e efetiva, terras vadeadas por bandoleiros apátridas que se consideravam dominadores de terras de ninguém. Há, portanto, um justo alimentar de segura confiança e justificada esperança por parte das populações interioranas que antes horrorizadas e afastadas de nossas fronteiras, começam agora a polarizar-se em torno das unidades fronteiriças do Exército sentindo encontrar nesses núcleos militares o aproveitamento de suas habilidades, garantia de trabalho e subsistência e defesa de seus tratos de terra e de seus produtos.

## VII

## O EXÉCITO E A EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA

A Educação é o fundamento de qualquer empreendimento social ou material. Sem educação nada se constroi. Seguindo esta tese, além das Escolas regimentais, os pelotões de fronteira procuram manter estimular e assistir escolas destinadas às populações civis, escolas que representam admiráveis núcleos de agregamento dos interioranos que, ao som do Hino Nacional, ao toque do clarim, e ao ecoar das cornetas, sentem um estremecimento impulsionador a galvanizar as suas fôrças e energias fazendo-os sentir a sede ardente e a aspiração invencível de uma Amazônia em progresso integrada no progresso do BRASIL.

## VIII

## INTENSIFIQUEMOS A CRUZADA

Com o pensamento em Caxias, o gênio do Exército, exercitando a obra do engrandecimento da Pátria, aplaudamos a obra do Comando Militar da Amazônia e promovamos uma corrente e corrente forte e intransponível de civis de mãos sempre dadas com os militares demarcando toda a fronteira de nossa Amazônia e de todo o nosso Brasil com as côres de nossa Bandeira, com o fruto de nossas mãos progressista e com ardor do nosso patriótismo em marcha para a grandeza e redenção de nosso povo.

# B I B L I O G R A F I A


Afonso de Carvalho — Bilac, Rio, 1942

Clovis Monteiro — Nova Antologia Brasileira

Edgard Cerqueira Falcão — Barão do Rio Branco
— O Pioneirismo dos Brasileiros na conquista do Ar.

Fausto Barreto e Carlos Laet — Antologia Nacional — 1949

Fernando Jorge — Vida e Poesia de OLAVO BILAC — SÃO PAULO, 1963

Humberto de Campos — Obras Completas

Henrique Perdigão — Dicionário Universal de Literatura — 1940

Moacir Araújo Lopes — Olavo Bilac — O homem Cívico — Rio, 1968 — Expressão de Civismo — O Serviço Militar — Rio — 1968

Ofélia Narbal Fontes — Santos Dumont

Oswaldo Orico — O Tigre da Abolição, Rio — 1953

Olavo Bilac — Ironia e Piedade

Conferências Literarias

Contos Pátrios (com Coelho Neto)

Rodrigo Otávio — Minhas Memórias dos Outros

Sílvio Romero — Caxias

*Prof. João Chrysóstomo:*

*Ao agradecer sensibilizado a sua gentileza em enviar-me o texto de sua brilhante palestra proferida sôbre a personalidade histórica de Caxias, o Cidadão, parabenizo-o pelo bem elaborado trabalho, que faz justiça ao grande Patrono do glorioso Exército brasileiro.*

Cordialmente,

*João Walter de Andrade*

Secretaria de Estado
**de Cultura e**
**Economia Criativa**

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

# Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

**O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.**

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

**ACERVOS DIGITAIS**
https://beacons.ai/cdmam_sec

## FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
*cdmam@cultura.am.gov.br*
*acervodigitalsec@gmail.com*

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM**